

## O “estranho” filho adotivo\* Uma leitura clínica do *Unheimlich* na adoção

Edilene Freire de Queiroz

*A preocupação com a questão da origem do filho ocupa um lugar central no imaginário dos pais adotivos. A “revelação” torna-se, então, um significante-chave gerador de estado de ansiedade, quando o natural seria criar condições para a livre circulação da palavra sobre a adoção no seio da família. O estado de estrangeiro na consangüinidade parece fazer cair por terra as garantias de um lugar delegado, outorgado, conquistado.*

*O fantasma edipiano se reacende de um modo particular, pois não havendo a barreira da consangüinidade, perde-se a garantia de que a interdição do incesto se cumprirá. Realçamos essa condição de estrangeiro na vivência edípica, sobretudo porque tal expressão ganhou destaque nos depoimentos de pais e aparece também em comentários e definições de legisladores estudiosos do assunto.*

*O estranho remete ao assustador, provocador de medo e horror, mas, ao mesmo tempo, ao conhecido e, há muito, familiar. Um dos sentidos do *Unheimlich*, “refere-se a tudo que deveria ter*

\* Primeira versão do trabalho foi apresentada na 3ª Mostra de Pós-Graduação da UNICAP em agosto/2002, Recife-PE. Segunda versão apresentada na XVII Jornada do Círculo Psicanalítico de Pernambuco que teve como tema “Criatividade e Impasses na Clínica Psicanalítica”, em novembro/2002, Golden Beach Patheron Hotel, Jaboatão dos Guararapes, PE.

*permanecido secreto e oculto, mas veio à luz” e o Heimlich: “um lugar livre da influência de fantasmas”. Pode-se dizer, então, que o estranho não significa o novo, o alheio, e sim algo familiar e há muito estabelecido pelo imaginário. Aquilo que deveria ter permanecido oculto se revelou. Na peça Édipo Rei, Sófocles manifesta, com engenhosa maestria, os passos e o drama da revelação, a revelação da dupla filiação de Édipo. Os adotivos parecem viver, em ato e na realidade, aquilo que a maioria vive em sonhos, ou seja, a duplicidade de casal parental presente na fantasia do romance familiar.*

**Palavras-chave:** Pais adotivos, mito de Édipo, *Unheimlich*, revelação

O Estatuto da Criança e do Adolescente, ao regulamentar ações que asseguram o bem-estar da criança, reconhece na adoção uma das alternativas para minimizar o problema do menor abandonado. Ela tem sido uma prática corrente, sobretudo, nos países de direito romano, e tornou-se mais intensa em períodos de aumento da orfandade, como nos períodos de pós-guerra. Os países anglo-saxônicos, por exemplo, passaram a usar a adoção legal após a Primeira Guerra. A falência do Estado no zelo do bem-estar da criança sem lar o tem obrigado a desenvolver ações que restituam à criança o direito de pertencimento a uma família. A adoção é hoje uma prática incentivada pela Vara da Infância e da Juventude, por conseguinte, aumenta, em todo o país, o número de associações para apoio a pais adotivos.

Embora venha crescendo o número de candidatos a pais adotivos, tal iniciativa não deixa de se acompanhar de medos, de ansiedades e de resistências, impedindo a instalação de uma maternidade e paternidade tranqüilas e saudáveis. Parece que, à medida que cresce o número de adoções, aumenta a demanda dos pais por atendimento psicológico. A clínica revela que, nesses casos, o descompasso do filho ideal com o filho real se exacerba, porque o fantasma dos genitores atravessa a relação pais-filho. Surgem questionamentos sobre:

- a herança genética;
- a ameaça de perda do amor e do reconhecimento do filho ao tomar ciência da sua origem;
- a garantia de que os genitores não reivindicarão o pátrio poder.

Tais questionamentos os levam a adotar a atitude de manter em segredo ou evitar saber sobre o passado do filho.

A Clínica de Psicologia da Unicap vem recebendo, nesses últimos anos, pais desejosos de orientação ou de intermediação para tratar de tais assuntos. Eis os sintomas mais frequentes que os filhos apresentam:

- baixa no rendimento escolar, ou seja, comprometimento no desejo de saber;
- distúrbios de comportamento, agressividade, desobediência.

Esses últimos, além de trazerem transtornos às relações familiares, produzem, muitas vezes, nos pais, um sentimento de recusa, de arrependimento pela adoção. Nesses momentos, a interrogação sobre a herança genética da criança se exacerba e os pais não se vêem implicados nos sintomas do filho. Atribui-se a causa dos sintomas ao fato de ter sido adotado. Há uma espécie de sentimento de estranheza, não se reconhecem como pais – chegam, às vezes, a desejar devolver a criança, ou seja, destituí-la do lugar de filho, como se fosse possível uma anulação retroativa. Ora, em tal atitude, há um desejo de apagar a história, diferente daquela praticada por um pai, que, revoltado pelo comportamento do filho, num ato extremo o expulsa de casa. Neste último caso, a filiação se mantém. Vê-se no caso da adoção, uma certa incompatibilidade de se conviver com duas histórias – a da criança com os genitores e a da criança com os pais adotivos.

Instigada por tais questões, acrescida a relação pessoal que me une ao tema, desenvolvi um projeto que tem como propósito:

- fomentar a pesquisa nessa área através do Laboratório de Psicopathologia Fundamental e Psicanálise da Unicap;
- criar um serviço de atenção à filiação por adoção, na Clínica de Psicologia da Unicap, dirigido mais diretamente aos pais, no sentido de proporcionar a eles um espaço de escuta, de reflexão e de trocas com outros pais e com profissionais que possam minimizar as ansiedades;
- montar um *site* interativo e informativo com consultores das áreas de direito, psicologia e serviço social;
- interagir com instituições responsáveis pelo processo de adoção.

Para tanto, empreendemos uma primeira pesquisa sobre o imaginário dos candidatos a pais adotivos e atualmente estamos investigando, junto a psicoterapeutas e a pais adotivos, as principais dificuldades enfrentadas, além de iniciarmos a estrutura do *site*.

Este trabalho é fruto da reflexão de um dos segmentos da primeira pesquisa, no qual destacamos a relação entre “estrangeiro” e “filho adotivo”.

A maior parte da literatura sobre adoção tende a discutir o problema, enviesando para duas tendências: ou denunciar e repudiar os preconceitos, mostrando que o vínculo parental é construído na convivência e no exercício

das funções de pai e mãe; ou reconhecer a adoção como um evento traumático. Alguns extremistas, como Feder (1974),<sup>1</sup> além de ver a adoção como um problema, acreditam que os adotados representam uma parte significativa da população das clínicas e hospitais psiquiátricos, reformatórios, penitenciárias e das pessoas que tentam suicídio. Outros atribuem tais dificuldades ao fato de a maioria das pessoas não possuírem, em suas representações conscientes de família, o tema da adoção, que passa a ser encarada como um evento inesperado, inusitado.

Concordamos com a última premissa, pois os resultados da nossa pesquisa sobre o imaginário dos pais candidatos à adoção mostram que, de fato, é mais fácil tratar do problema da revelação sobre a adoção quando já há casos na família. Entretanto, é mister considerar que em cada um de nós, adotivo ou não, há uma representação inconsciente da duplicidade de casal parental cuja expressão aparece em sonhos, nas fantasias e na maioria dos contos de fada que habitam o imaginário infantil. Assim, a adoção não é um tema que não nos diga respeito. E por que traz problemas?

Ao empreender o estudo sobre pais adotivos e adotantes, desejávamos enxergar os bastidores do problema – compreender quais fantasias povoam o imaginário dos pais antes de realizarem o ato de adotar.

Os resultados da pesquisa revelaram, mais uma vez, o que a literatura já apontava: a adoção se reveste de mitos e preconceitos e há uma expectativa ansiosa quanto ao reconhecimento familiar e social do lugar de pai e de mãe. A preocupação com a questão da origem do filho ocupa um lugar central. Há sempre uma atitude de ambigüidade: dizer a verdade, mas não querer saber sobre os genitores do filho. Nesse sentido, a verdade é sempre parcial, pois mantém encoberto e em segredo a origem e as razões do abandono pelos genitores. Sabe-se que a melhor forma de se manter algo em segredo é não saber sobre ele, no entanto, a sua existência – o saber do não-sabido – produz efeitos no sujeito. Sabe-se também que é próprio da verdade ser não-toda, jamais há garantias de um saber infalível mesmo quando o propósito é “dizer toda a verdade”, mas, nesses casos, percebe-se uma intencionalidade em omitir ou em querer alterar os fatos.

Os pais adotivos vivem o conflito de, por um lado, serem verdadeiros com os filhos, dispostos a revelar a condição de adotivo; por outro, têm dúvidas quanto ao momento propício, como e o que deverá ser dito. Assim, tendem a manter em segredo o saber sobre os genitores. A “revelação” torna-se, então, um

1. Citado por Freire, Fernando (org.). *Abandono e adoção – Contribuições para uma cultura da adoção I*, p. 47.

significante-chave gerador de estado de ansiedade, quando o natural seria criar condições para a livre circulação da palavra sobre a adoção no seio da família. Segundo Nazir Hamad (2001, p. 146), "... o conhecimento do fato de que o filho é adotado deve se destilar no tempo e não tomar a forma de um discurso organizado destinado a comunicar à criança a verdade". Vê-se, então, o quanto essa comunicação vulnera a relação pais-filho. O estado de estrangeiro na consangüinidade parece fazer cair por terra as garantias de um lugar delegado, outorgado, conquistado. Paira a dúvida e a incerteza:

- serão reconhecidos como pais? Há incertezas quanto à filiação adotada pelo filho ao tomar conhecimento dessas duas realidades. Será que ele optará pela filiação consangüínea?;
- e como conviver com o fantasma dos genitores e dividir os lugares de pai e de mãe? A ferida narcísica é, então, reaberta – "eles não são pais de verdade";
- quais os efeitos da rejeição primeira sobre o filho? E como livrá-lo desse sofrimento?

Tais hipóteses, levantadas a partir de depoimentos e de respostas colhidas tanto dos candidatos a pais adotivos como dos profissionais que lidam com adoção, nos levaram a refletir sobre o que está implicado na "revelação". O fantasma edípico se reacende de um modo particular, pois não havendo a barreira da consangüinidade, perde-se a garantia de que a interdição do incesto se cumprirá. Segundo Lévi-Strauss (1982, p. 51), a crença, tão freqüente na maioria das culturas, de que casamentos consangüíneos geram proles com más formações físicas ou degeneradas é uma maneira de reforçar a interdição, ao mesmo tempo em que denuncia o estado daqueles que transgridem a lei universal dos homens – são malformados. A lei da interdição do incesto é responsável pela organização das relações de trocas no interior de cada cultura. No caso da adoção, o receio do incesto passa a ser vivido como uma presença real e determina a recusa, de alguns candidatos, por meninos, temerosos das conseqüências do apego destes à mãe. O filho estranho e estrangeiro poderá reeditar o Édipo.

Realçamos essa condição de estrangeiro na vivência edípica, sobretudo porque tal expressão ganhou destaque nos depoimentos dos pais e aparece também em comentários e definições de legisladores estudiosos do assunto. Evidentemente os problemas vividos por pais e filhos adotivos não se esgotam na análise do aspecto acima, mas pensamos ser ele um elemento-chave e pouco explorado pela literatura em geral. Trata-se de um tema ético e estético ao mesmo tempo: primeiro, porque se relaciona à lei edípica e, segundo, porque o estranhamento se articula à qualidade do sentir. Não que tal sentimento não seja também experimentado por pais e mães de filhos gerados biologicamente.

Há dois momentos marcantes na chegada de um filho nos quais o sentimento de estranhamento se faz presente. Primeiro, ele é vivido no e através

do corpo – o organismo reage ao óvulo fecundado, como um “corpo estranho”, e provoca enjôos; depois o embrião é assimilado como inerente ao corpo materno e, então, torna-se algo perfeitamente familiar, equivalente ao *heimlich* freudiano, que diz respeito ao que está no íntimo. Segundo, as mães desconhecem seus filhos ao pari-los: alguém tão familiar, tão das entranhas, uma vez expulso do corpo materno, torna-se estranho até (como aconteceu quando embrião) ser absorvido, novamente, como familiar. Em algumas patologias, como a psicose puerperal, esse estado de estranheza é vivido com intensidade tal que assusta e ameaça o equilíbrio psíquico da mãe. De modo semelhante, pode-se fazer uma certa associação com o autismo – um filho não reconhecido como familiar que se mantém na condição de estrangeiro na cadeia significativa dos pais, da família. E por que não pensar também que esse sentimento seja uma das causas de recusa e de abandono de crianças pelos genitores?

Considerando tal hipótese, pode-se inferir que a criança é percebida como estranha duplamente: ela é abandonada ou recusada, porque percebida como estranha, e é estranhada pelos pais adotivos, porque não pertence ao mundo familiar, o da consangüinidade. Às vezes, o sentimento de estranhamento projeta-se para fora e os pais adotivos passam a viver o fantasma da rejeição social. Esse modo de ver o problema não anula um outro lado da questão, mais proativo e promissor: os pais adotivos também desejam e assimilam seus filhos como pertencentes ao seio familiar. O desejo de torná-los familiares, nesse contexto, aparece sob diversas demandas: na preferência dos pais por crianças recém-nascidas para educá-las ao seu jeito; na preferência por crianças de mesma cor e aparência física, sem contar a satisfação que eles manifestam quando alguém reconhece nelas semelhanças físicas.

No meio jurídico, também a conotação de estranho aparece. Não há consenso quanto à definição de adoção e caracterização do vínculo de parentesco estabelecido, o que gera, por vezes, certos paradoxos: o direito cria a figura do parentesco civil distinta do parentesco natural e, ao mesmo tempo, dita que o vínculo paterno filial não pode sofrer distinção. Clóvis Beviláqua, eminente jurista, define a adoção “*como um ato civil pelo qual alguém aceita um ‘estranho’ como filho*” (apud Marques, 1997, grifo nosso). Artur Marques (ibid.) caracteriza como um parentesco civil equivalente ao de filho; trata-se, portanto, de um tipo de vínculo de parentesco especial que, embora equivalente, difere do parentesco natural. Já Antônio Chaves (apud Marques, 1997) considera uma relação típica de paternidade-filiação, mas com efeitos limitados e sem total desligamento da família de sangue. A legislação vigente determina que, nos casos de homologação da adoção, seja concedido um novo registro de nascimento sem dados da filiação consangüínea, na intenção de evitar preconceitos e rejeição social.

Estranho filho adotivo! Alguém que nasce, juridicamente, duas vezes e não carrega a marca dos dois nascimentos no documento que o identifica e, no entanto, no banco de dados do setor de adoção permanecem os dados dos pais biológicos. Esse desmentido manifesto na letra da lei revela o duplo do estranho/familiar presente no imaginário social e vivido pelos pais adotivos; revela também a duplicidade de casal parental presente no Édipo e as fantasias incestuosas que cada sujeito reedita na maternidade/paternidade.

O estranho remete ao assustador, provocador de medo e horror, mas, ao mesmo tempo, ao conhecido e, há muito, familiar. Em alemão, o *Unheimlich* tem significado oposto ao *Heimlich* (doméstico, familiar). Segundo Freud (1919, p. 281) nem tudo que é *Unheimlich*, novo, é assustador, porém pode dizer respeito a algo que não se sabe como abordar. Schelling, citado por ele, apresenta um outro sentido para o *Unheimlich*, próximo do sentido de estranho que conotamos na adoção: "... refere-se a tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz" e o *Heimlich*: "... um lugar livre da influência de fantasmas" (ibid., p. 282). O primeiro sentido anuncia a aproximação de algo inconsciente e oculto, enquanto o segundo, o seu afastamento. Embora opostos, Freud reconhece uma aproximação nos dois sentidos, assim como acontece nas palavras primitivas: usa-se, por exemplo, o termo *Heimlich* para indicar as partes ocultas e pudentes do corpo, conotando os dois sentidos antagônicos – o oculto e o íntimo, o familiar. Por isso ele preferiu tratá-los como ambíguos e os inseriu no tema do duplo. Duplo é também a relação especular e o caráter do narcisismo primário que domina a vida infantil e do homem primitivo. Após passado esse estado onipotente, vivido como terreno do familiar e amistoso, o duplo aparece, segundo o mesmo autor, sob a forma de estranho, de autocrítica ou de divisão subjetiva do eu.

Acompanhando tal raciocínio, pode-se dizer, então, que o estranho não significa o novo, o alheio, e sim algo familiar e há muito estabelecido pelo imaginário. Aquilo que deveria ter permanecido oculto se revelou. Observamos, anteriormente, que um dos problemas a atormentar os pais adotivos é a "revelação": não revelar, revelar uma parte, revelar aos poucos ou através de histórias ou por analogias. Para nós, são formas de tratar o estranho.

Neste ponto, retomo o mito de Édipo na peça de Sófocles, *Édipo Rei*, na qual o autor manifesta, com engenhosa maestria, os passos e o drama da revelação, a revelação da dupla filiação de Édipo. Toda a peça se desenrola num só enredo: revelar a origem de Édipo. Filho natural de Laió e Jocasta, Édipo é abandonado no monte Citerão, para evitar que se cumprisse a maldição da deusa Hera. Passando por lá um pastor do reino de Pólibo, ao vê-lo amarrado, salva-lhe a vida, dando-o ao Rei e à Rainha de Corinto (Pólibo e Mérope), os quais, sem descendentes, o acolhem como filho. Mantém-se o segredo da adoção.

Quando, num banquete, um dos convivas, tomado pelo vinho, chama Édipo de filho postiço, causando indignação nos pais que considerou tal revelação um insulto. Édipo, atônito, foge para Delfos, templo de Apolo, em busca da verdade sobre sua origem. Lá descobre sua triste sina: está condenado a matar o pai e unir-se à própria mãe. Não mais regressa a Corinto, seu lar (*Heimlich*), sem saber que dele era estrangeiro (*Unheimlich*). Temendo o cumprimento da profecia (matar o pai e partilhar do leite materno), parte em direção a terras estranhas. No caminho, cumpre-se a primeira parte do seu destino trágico: ele mata o pai, um estranho, que interditou sua passagem rumo à terra materna, lugar da origem. Recebido em Tebas, como estrangeiro, lá se instala e adquire o direito de reinar após desvendar o segredo da Esfinge. Assim, torna-se ele *Un-heimlich* da sua própria história. Em Tebas, ele vive a revelação da sua dupla filiação e o desfecho da própria tragédia. O desejo posto em ato tem como conseqüência a castração vivida na tragicidade de perfurar os olhos. Sófocles faz da revelação o enredo da tragicidade.

Esse mito exemplar, cada homem o vive inconscientemente, em fantasias e em sonhos:

... a lenda grega apreende uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi um dia, em ponto menor ou em fantasia, exatamente um Édipo e cada pessoa retrocede horrorizada diante da realização de um sonho, aqui transposta para a realidade, com toda a carga de repressão que separa seu estado infantil do seu estado atual. (Ibid., p. 359)

Freud realça nesse mito questões relativas ao desejo, ao incesto e ao interdito; a condição de filho adotivo e as tensões pertinentes à revelação ficam obscuras e quase nada discutidas. No entanto, o destino de Édipo só se cumpre a partir da revelação. Talvez isso justifique o peso que os pais dão ao momento de revelar. A vivência edípica cada sujeito repete na sua história e a questão da adoção aparece sob fantasia. Observa Freud, que os filhos se imaginam filhos adotivos e interrogam sobre sua origem. Tecem uma espécie de romance familiar cujo fundamento é a situação no complexo de Édipo. O autor atribui tal fantasia a duas impressões vividas pela criança:

- sentir-se negligenciada nos cuidados paternos, recebendo pouco amor deles ou,
- ao comparar seus pais com outros pais, põe em dúvida as qualidades daqueles e os substituem, imaginariamente, por pessoas mais ilustres.

Essas fantasias podem significar um lamento pelos dias felizes que se foram – e os contos de fada expressam bem isso –, mas elas também estão a serviço dos desejos edipianos, pois, imaginando-se filho de outra família, a criança minimiza as culpas advindas dos desejos incestuosos vividos na relação com os pais.

Importa acrescentar que a revelação sobre a origem se inicia ao desvendar o enigma da Esfinge. A versão mais simples e mais conhecida do enigma proposto é a seguinte: *qual o animal que possuindo voz, anda pela manhã, em quatro pés, ao meio-dia com dois e à tarde com três?* Responde Édipo apontando para sua própria frente e, com isso, ele designa a si próprio, revelando seu nome – Oedipus – que significa pés inchados. Nessa palavra composta, Oedipus, contém *dipus*, dois pés (bípedes) e deformação (perversão), condições de toda espécie humana. A interpretação mais corrente de tal enigma seria: no início anda de quatro, em seguida torna-se bípede e na velhice precisa do bordão para ajuda-lo a andar.

O pé, base de sustentação para a caminhada da vida simboliza também, entre os gregos, a alma, a atitude psíquica perante a vida. A deformação dos pés representa uma perversão, um desvio moral. Segundo Marie Delcourt, citada por Junito Brandão (1991, p. 306), crianças expostas com tais deformações eram consideradas malditas e conjuraria desgraças futuras ou afastava a esterilidade. As pessoas que recolhiam meninos abandonados preferiam aqueles que pareciam perfeitos e robustos. Édipo, filho adotivo de Pólibo e Mérope carrega essa deformação, marca da origem, da filiação biológica. Há um rastro desse passado registrado no corpo, da mesma forma que no setor de adoção se mantém os dados cadastrais da filiação biológica, muito embora no registro de nascimento não apareça, sob a alegação de constranger e evitar discriminação. Quem atende pais adotivos sabe como a primeira tendência do casal é vincular qualquer dificuldade do filho a “uma deformação de origem”. No entanto, já entre os gregos a razão de tal deformação decorria do comportamento dos pais que, ao serem incapazes de acolher a criança no seu desamparo e de educá-la conforme a posição da *ortho*, geravam enfermidades psíquicas.

Por parte da criança ocorre um sentimento de desamparo: seus pais não são suficientes e por isso sonham com outro casal parental capaz de supri-la. Vê-se imbricados, desde o enigma, a existência dos dois casais parentais, a questão da adoção e o medo de uma origem pervertida.

Se o número de pés indicam etapas do desenvolvimento do homem e os pés simbolizam a alma, a *psyché*, ousamos acrescentar a essa uma nova interpretação que, igualmente, mostra a caminhada de Édipo na vida, até Colona, destacando a relação parental: no início possuidor de quatro pais (casal de genitores e casal de pais adotivos), mais tarde reduzido a dois – pais adotivos, pois mata o genitor e faz da genitora sua mulher –, e no final da vida, cego e desamparado, Édipo faz da filha, Antígona, seu cajado, aquela que o acolherá e o guiará até a morte.

Estamos inclinados a relacionar a existência e a manutenção dos preconceitos sobre a adoção, presentes no imaginário social, como algo de ordem mítica e por isso tão presente nas fantasias dos pais. Os adotivos parecem viver, em ato

e na realidade, aquilo vivido pela maioria em sonhos, ou seja, a duplicidade de casal parental presente na fantasia do romance familiar. Sabemos que toda fantasia inconsciente, quando escancarada, é reconhecida como algo estranho e provocador de angústia. Fenomenologicamente, pode-se dizer que a angústia é também a sensação do estranho que habita em nós – o Outro. Esse filho outro não gerado no corpo aponta justamente para o mito ainda não simbolizado. É preciso desvendar o mito da origem, da origem do homem – o Édipo na sua dupla filiação.

### Referências

- BERNARDINO, L.M. F., “Mãe é uma só? Contribuições psicanalíticas ao estudo da adoção”, *Palavração Revista de Psicanálise, temática – A Lei e a lei*, Biblioteca Freudiana de Curitiba, Centro de Trabalho em Psicanálise, ano 2, n. 2, out./94.
- BRANDÃO, J. *Dicionário etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. v. 1.
- CHANTEL, Marie-Magdeleine. *Mal-estar na procriação*. As mulheres e a medicina da reprodução. Trad. de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.
- FREUD, S. (1908). Romances Familiares. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1985. v. 9.
- \_\_\_\_\_. (1919). O estranho. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1985. v. 12.
- FREIRE, Fernando (org.). *Abandono e adoção*. Contribuições para uma cultura da adoção I. Curitiba: Associação Brasileira Terra dos Homens, Gráfica Vicentina Ltda, 1994. v. I e II.
- HAMAD, N. *L'enfant adoptif et ses familles*. Paris: Denoël, 2001.
- LEVINSON, Gina Khafif. *A criança adotiva na psicoterapia psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1999.
- LEVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. 2. ed. Trad. de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MARQUES, Artur. *O regime jurídico da adoção estatutária*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1997.
- NOGUEIRA, Paulo Lucio. *Estatuto da criança e do adolescente comentado*. Rio de Janeiro: Saraiva. 1993.
- SCHETTINI FILHO, Luiz. *Compreendendo os pais adotivos*. Recife: Bagaço, 1998.
- SIQUEIRA, Liborni. *Adoção no tempo e no espaço*. Doutrina e jurisprudência Rio de Janeiro: Forense. 1992.

## Resumos

*La preocupación con la cuestión del origen del hijo ocupa un lugar central en el imaginario de los padres adoptivos. La “revelación” se convierte así, en un significante clave, generador de ansiedades, cuando lo natural sería crear, en el seno de la familia, condiciones para la libre circulación de la palabra en lo que se refiere a la adopción. El estado de extranjero en la consanguinidad parece hacer perder las garantías de un lugar delegado, otorgado, conquistado.*

*El fantasma edípico se reenciende de un modo particular, pues no estando la barrera de la consanguinidad, se pierde la garantía de que la interdicción del incesto será cumplida. Realzamos esta condición de extranjero en la vivencia edípica, sobretudo, porque tal expresión ganó destaque en los relatos de padres y también aparece en comentarios y definiciones de legisladores y estudiosos del tema.*

*Lo extraño remite a lo asustador, provocador de miedo y horror, pero, al mismo tiempo, a lo conocido y familiar. Uno de los sentidos del Unheimlich, “se refiere a todo lo que debiera haber permanecido secreto y oculto, pero vino a luz” y al Heimlich: “un lugar libre de la influencia de fantasmas”. Puede decirse entonces que lo extraño no significa lo nuevo, lo ajeno y sí algo familiar y establecido hace tiempo por lo imaginario. Aquello que debería haber seguido oculto y se reveló. En Edipo Rey, Sófocles manifiesta, con ingeniosa maestría, los pasos y el drama de la revelación de la doble filiación de Edipo. Los adoptivos parecen vivir, en acto y en la realidad, aquello que la mayoría vive en sueños, o sea, la duplicidad de parejas de padres presente en la novela familiar del neurótico.*

**Palabras claves:** Padres adoptivos, mito de Edipo, Unheimlich, revelación

*La question de l'origine de l'enfant est centrale dans l'imaginaire des parents adoptifs. La “révélation” devient alors un signifiant-clé générant des états d'anxiété, alors qu'il serait naturel de créer des conditions permettant de discuter librement de l'adoption au sein de la famille. Le fait d'être étranger dans la consanguinité semble faire s'effondrer les garanties d'une place déléguée, attribuée, conquise.*

*Le fantasme œdipien se rallume d'une manière particulière, puisqu'en l'absence de la barrière de la consanguinité, le respect de l'interdiction de l'inceste ne sera plus garanti. Nous soulignons cette condition d'étranger dans l'expérience oedipienne, surtout parce qu'une telle expression gagna en relief dans les témoignages des parents et apparaît également dans les commentaires et définitions des législateurs qui étudient le sujet.*

*L'étranger renvoie à l'épouvantable, provocateur de crainte et d'horreur, mais, en même temps, au connu et, depuis longtemps, familier. L'un des sens de Unheimlich, “se réfère à tout ce qui devrait avoir été maintenu secret et dissimulé, mais qui a été dévoilé”, et Heimlich, à “un endroit libre de toute influence des fantasmes”. On peut*

alors dire qu' "étranger" ne veut pas dire "nouveau", autre, mais quelque chose de familier et depuis longtemps établi dans l'imaginaire. Ce qui devait être maintenu caché a été révélé. Dans la pièce L'Oedipe Roi, Sophocles exprime avec une ingénieuse maîtrise, les étapes et le drame de la révélation, la révélation de la double filiation d'œdipe. Les enfants adoptés semblent vivre, dans les faits et la réalité, ce que la majorité vit en rêve, c'est-à-dire la duplicité du couple parental présente dans le fantasme du roman familial.

**Mots clés:** Parents adoptifs, mythe d'Oedipe, Unheimlich, révélation

*Concern with the question of an adopted child's origin occupies a central place in the imagination of adoptive parents. A "revelation" therefore becomes a key signifier that generates a state of anxiety, when the more natural situation would be to arrange for an informal family discussion about adoption. The state of the foreigner to consanguinity would seem to eliminate the guarantee of a delegated, granted, conquered place.*

*The Oedipus fantasy is seen in a very particular way because, due to the lack of the barrier of consanguinity, it loses the guarantee with which the interdiction of incest is marked. We discuss here the condition of foreigner in the Oedipal experience mainly because it has often been expressed in parents' discourse as well as in comments and definitions by legislators who study the subject.*

The uncanny is frightening, stirring up both fear and terror, but it is also related to the known and the very familiar. One aspect of *Unheimlich* "refers to everything that should have remained private and secret, but came to light." *Heimlich* refers to "a place free from the influence of fantasies." It can be said, then, that uncanny does not mean something new, but something familiar that has long been present in the imagination. Something that should have stayed in the shadows is brought up to light. In *Oedipus Rex*, Sophocles shows rare sensibility as he unveils, step by step, the conflict of the revelation, the revelation of Oedipus' double filiation. Adopted children seem to live, both in action and in reality, what the most people live in dreams: the duplicity of the parental couple present in the fantasy of the family romance.

**Key words:** Adoptive parents, Oedipus myth, uncanny, Unheimlich, revelation